

**“Quanto nome tem a rainha do mar?”: (re)conhecendo Iemanjá em músicas,
literatura e em fragmentos da cultura baiana**

Brena Lima da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: brenalima2507@gmail.com

Marília Flores Seixas de Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: mariliaflores@uesb.edu.br

1591

Palavras-chave: Análise. Bahia. Iemanjá. Literatura. Música

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa objetivamos observar e analisar a presença da figura de Iemanjá e de suas representações tanto em fragmentos da literatura/música baiana quanto na constituição de uma identidade sociocultural, sobretudo baiana. Desde sua presença nas páginas de Jorge Amado, nas músicas de Dorival Caymmi, na voz de Maria Bethânia, nos saberes populares socializados através da oralidade, até a sacralização em seu culto (e sua importância para os descendentes dos povos africanos em diáspora e pertencentes aos cultos de religiões de matrizes africanas), dos festejos, crenças e epistemes ancestrais que compõem não somente o arcabouço religioso, como também a cultura local. Nas palavras de Póvoas.

Iemanjá abarca a diversidade do povo brasileiro em sua pluralidade étnica e em sua diversidade cultural. Colocada num modelo nagô, esta imagem arquetípica da Grande Mãe, gestada no imaginário do brasileiro, superou toda a opressão do sistema escravocrata. E o que a princípio expressava apenas uma imagem nagô alargou-se no abasileiramento, na expressão da pluralidade de culturas, etnias e domínios (Póvoas, 2007, p. 221).

Muito embora estejamos (sobre)vivendo numa sociedade ainda assolada pelo racismo – e, conseqüentemente, pelo racismo religioso –, podemos notar práticas de homenagens e louvações cristalizadas em nossa cultura, não se tratando apenas dos devotos aos cultos das religiões afro-brasileiras, visto que em determinados momentos do

Realização:



Apoio:



ano a linha tênue entre o ódio e a devoção é momentaneamente perpassada, utilizando como suporte o sincretismo religioso. Sobre isso Póvoas (2007) afirma que:

Seu culto [a Iemanjá], aqui, no Brasil, transcende os muros dos terreiros de candomblé, dos centros espíritas e das tendas de umbanda. E também, por isso, nas celebrações e festividades a ela dedicadas, misturam-se o profano e o sagrado, atabaques e trios elétricos, balaios de presentes e cervejada. Ainda que muitos a chamem de Nossa Senhora da Conceição e outros mais pendurem nas paredes de suas salas um quadro com a imagem de uma mulher branca, cabelos lisos e soltos ao vento, nesses símbolos estão contidos os atributos da Grande-Mãe, numa interpretação calcada na cultura dos afro-descendentes (Póvoas, 2007, 218).

1592

Ora, se nosso país foi construído sobre o sangue dos povos originários vítimas do genocídio da colonização e dos povos africanos traficados e escravizados, faz-se necessário acessar as epistemes ancestrais e descobrir quais costumes e práticas engendrados em nossa cultura são pertencentes, originariamente, a esses povos. Costumes e práticas esses que cruzaram o Atlântico no período da escravização dos povos africanos e através do processo da diáspora africana. É uma forma de fazer a chamada justiça intelectual como estratégia de combate ao epistemicídio e olhar para o passado a fim de recuperar a sabedoria e o conhecimento ancestrais, pois é através da busca pela herança cultural dos antepassados que podemos caminhar para a construção de uma sociedade pautada em valores equânimes. Só sabemos para onde ir, se soubermos de onde viemos.

METODOLOGIA

Os processos metodológicos se resumem a quatro procedimentos qualitativos: a revisão da literatura – que consiste na leitura da bibliografia escolhida durante a idealização inicial do corpo do projeto, a fim de nutrir a bagagem teórica que tem me conduzido aos questionamentos e às reflexões, além da operacionalização dos conceitos –, a elaboração de uma tabela com os fragmentos das canções e da obra literária escolhidos, para constituir o corpus de análise da pesquisa –, e, por fim, a análise discursiva das três canções e dos trechos da obra literária previamente escolhidos – que servem para ilustrar o que foi refletido até o momento, como por exemplo, como a imagem construída da Orixá Iemanjá atravessa os muros dos terreiros de

Realização:



Apoio:



Candomblé/Umbanda e finca-se nos costumes, colaborando para a construção de identidade e identificação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As questões que conduzem a análise são: de que maneira alguns elementos de religiões de matriz africana (mais especificamente a entrega dos presentes a Iemanjá) são incorporados na cultura baiana de tal forma a ponto de transpassarem os limites dos terreiros de candomblés, ocupando as praças, as praias, as orlas e os corpos que não necessariamente são adeptos das religiões afro-brasileiras? De onde vêm esses costumes, como se instauraram na cultura popular e como fazem parte da construção da identidade de um grupo? Para que chegássemos à análise propriamente dita, elaboramos um quadro de referência com os trechos das canções e da obra literária que pudessem evidenciar o que buscamos compreender.

“O que ela gosta? O que ela adora? Perfume, flor, espelho e pente, toda sorte de presente pra ela se enfeitar.”	Trecho da canção <i>Yemanjá rainha do mar</i> , de Pedro Amorim e Paulo César Pinheiro (2007), conhecida na voz da cantora baiana Maria Bethânia.
“Quem é que já viu a rainha do mar? Pescador e marinheiro, quem escuta a sereia cantar... é com o povo que é praieiro que dona Yemanjá quer se casar.”	Trecho da canção <i>Yemanjá rainha do mar</i> (2007), de Pedro Amorim e Paulo César Pinheiro.
“O canto vinha de longe, de lá do meio do mar, não era canto de gente, bonito de admirar. O corpo todo estremece, muda cor do céu do luar, um dia ela ainda aparece, é a rainha do mar.”	Trecho da canção <i>Caminhos do mar</i> do cantor baiano Dorival Caymmi.
“É doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar. Saveiro partiu de noite foi, Madrugada não voltou, o marinheiro bonito, sereia do mar levou...”	Trecho da canção <i>É doce morrer no mar</i> (1941)) composta por Jorge Amado e imortalizada na voz de Dorival Caymmi, ambos baianos.
“Nas ondas verdes do mar meu bem, ele foi se afogar, fez sua cama de noivo no colo de Iemanjá, é doce morrer...”	Trecho da canção <i>É doce morrer no mar</i> (1941)) composta por Jorge Amado e imortalizada na voz de Dorival Caymmi, ambos baianos.
“Lívia pensa com raiva em Iemanjá. Ela é a mãe-d’água, é a dona do mar e, por isso, todos os homens que vivem em cima das ondas a temem e a amam. (...) Para ver a mãe-d’água muitos já se jogaram no mar sorrindo e não mais apareceram. Será que ela dorme com todos eles no fundo das águas?”	Trecho do romance <i>Mar morto</i> (Amado, 1936, p. 14)

É interessante quando observamos a imagem construída de Iemanjá como a bela mulher que seduz os pescadores e leva-os para o seu lar, embaixo das águas, e os costumes

Realização:



Apoio:



que vêm a partir da crença da existência dessa mulher que vive sob as ondas. De acordo com essas narrativas, muito fortes dentre os moradores de comunidades que residem próximo ao mar (e que tem a pesca como forma de subsistência), essa mulher aparece para os pescadores no meio das ondas à noite e, usando de artifícios como a sua beleza e sua linda voz, os seduz e os toma para si. Em sua obra *Mitologia dos Orixás* (2001), Prandi narra.

Iemanjá é dona de rara beleza (...). Certa vez saiu de sua morada nas profundezas do mar e veio à terra em busca do prazer da carne. Encontrou um pescador jovem e bonito e o levou para o seu líquido leito de amor. (...) mas o pescador era apenas um humano e morreu afogado nos braços da amante. Quando amanheceu, Iemanjá devolveu o corpo à praia. E assim acontece sempre, toda noite, quando Iemanjá Conlá se encanta com os pescadores que saem em seus barcos e jangadas para trabalhar. Ela leva o escolhido para o fundo do mar, e se deixa possuir, e depois o traz de novo, sem vida para a areia. (Prandi, 200, p. 390)

Estes, por sua vez, não retornam para suas esposas, que, desesperadas, colocam presentes no mar para agradar a Iemanjá e implorar para que ela permita que seus esposos retornem para casa com vida.

As noivas e as esposas correm cedo para a praia esperando a volta de seus homens que foram para o mar, implorando a Iemanjá que os deixe voltar vivos. Elas levam para o mar muito presentes, flores, espelhos e perfumes, para que Iemanjá mande sempre muitos peixes e deixe viver os pescadores. (Prandi, 2001, p. 391)

A partir disso, levantamos a suposição de que se popularizam, inicialmente, as narrativas orais, advindas das crenças religiosas de matrizes africanas, e se fincam no imaginário popular. Acompanham às narrativas, então, o costume de colocar as oferendas no mar como um pedido de proteção e misericórdia. Com o passar do tempo, o costume está tão internalizado e cristalizado na cultura que, apesar de ainda possuir seus significados religiosos e sagrados, ele agora adquire outros novos (ou até mesmo nenhum; há quem os reproduza apenas por mero costume esvaziado de significância). E então, um momento sagrado, de louvação à Orixá, se torna também uma festa popular onde o

Realização:



Apoio:



sagrado e o profano se unem no mesmo local, caminhando pé ante pé sobre uma linha tênue que separa ambos.

É por isso que o mar fica coalhado de flores, perfumes e outros presentes, quando a Grande-Mãe é festejada, homenageada, reverenciada. E como se não bastassem o comprimento das praias e a largueza do oceano, o afrodescendente também lhe dedicou praças e ruas. Também por isso, barracas, quermesses, trios elétricos, terreiros, rodas de samba e capoeira compõem o cenário que se constitui o grande templo, móvel e rotativo, onde a Grande-Mãe é louvada, nos mais diversos disfarces que o imaginário do brasileiro lhe construiu. Por isso mesmo, repressão alguma teve força para demolir. (Póvoas, 2011, p. 219)

1595

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, considerando as afirmações e considerações feitas até aqui e compreendendo que a presente pesquisa faz parte de um recorte de um projeto mais amplo, que está sendo desenvolvido junto ao Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL/UESB), afirmo que a música e a literatura, bem como a possibilidade de nos debruçarmos em suas análises, são e continuarão sendo não só importantes materiais de registro histórico, mas também interessantes instrumentos a serem utilizados no processo de retomada das narrativas sobre os que vieram antes, bem como de reflexão sobre quem somos e onde estamos e, ainda, sobre quem queremos ser e para onde queremos ir enquanto indivíduos e enquanto sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. Mar morto. São Paulo: Companhia das letras, 1936.
- BETHÂNIA, Maria. Mar de Sophia. Biscoito fino, 2006.
- CAYMMI, Dorival. Cancioneiro da Bahia. São Paulo: Editora Martins, 1947.
- PÓVOAS, Ruy do Carmo. Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco. Ilhéus: Editus, 2007.
- PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- VALLADO, A. Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

Realização:



Apoio:

